

Varíola e Antraz: antecedentes

No curto período em que estudei medicina em Lisboa (1967/ 68) um professor assistente que havia estado no Brasil, com o qual conversava muito nas aulas práticas, mostrava grande interesse pelas ervas e “medicina” dos nossos caboclos curandeiros. Dizia que se nós não pesquisássemos este acervo empírico, constituído ao longo de centenas de anos por índios, negros e europeus, ele cairia em mãos espertas.

O empirismo, conhecimento adquirido através da observação e experiência é desprezado nesta terra de doutores. Na Inglaterra 1798, foi feita a primeira vacina, parecia mágica: Pasteur ainda não havia descoberto os micróbios, nem Koch os bacilos.

Vacina vem da palavra latina “vacca” fêmea do boi. Benjamim Jesty, um agricultor, observou que pessoas que lidavam com vacas portadoras de varíola bovina não adquiriam a letal varíola humana. Com uma agulha de costurar, arranhou o braço da esposa e dos filhos e sobre os ferimentos colocou material retirado da pústula de uma vaca infectada. Bem sucedido, conseguiu despertar o interesse do cientista Edward Jenner que, realizando experiências controladas, comprovou a eficácia do método. Em 1800, mais de 100 mil ingleses haviam sido vacinados. Começava a derrota da Varíola erradicada no séc. XX. Pasteur (1822-1895) enfraquecendo bacilos de Antraz, por aquecimento, produziu vacina eficaz contra o Antraz.

As duas armas usadas pelos terroristas na América (Varíola e Antraz) já têm vacinas centenárias. Tudo começou, não esqueça, lá na roça com um observador atento.

Aqui na Barra do Jucu morreu, há um ano, o último cabloco que conheci, capaz de nomear e informar a utilidade de plantas, animais e terras da restinga. Seu Delcy, braçal da prefeitura, ensinava que o barro para aterro de rua, devia ser tirado “daquela morro”; se era para horta, “do outro”; para construção, “da barreira do Nadinho”; para fazer painéis, “do beijo do rio”. Observando o relevo do continente e usando a paralaxe, marcava os pesqueiros no mar e conhecia todos tão bem, que avaliando as condições climáticas, previa o resultado das pescarias. Afastava as formigas da horta com cipó ipomoea e no que ficaria amarrado e submerso, usava o cipó são João, que não apodrece na água. Quando quis cultivar minha chácara o consultei e ao meu irmão agrônomo também. Ele, observando a vegetação nativa, imediatamente disse o que poderia plantar. O agrônomo, primeiro pediu amostras do solo para análise em laboratório. Os dois, em tempos diferentes acertaram: tenho um belo pomar.

Falei na varíola e no antraz para homenagear o agricultor Benjamim Jesty e lembrar que embora as facilidades da documentação (voz-imagem) tenham aumentado nos últimos anos, continuamos sabendo mais do eucalipto e do canguru, do que da samuma e do chupati.. Ele, observou, formulou uma hipótese, realizou experiências e divulgando o resultado, sensibilizou um cientista que obteve apoio do governo. Nós, estamos preocupados: caboclo e mato estão em extinção, o governo desatento, a universidade indiferente, a mídia pouco interessada e a história continua dando mais espaço a Napoleão do que a Pasteur.

Kleber Galvêas, pintor. Tel. (27) 3244 7115

atelie@galveas.com